

4

A pesquisa

No intuito de investigar as influências das famílias de origem no novo casal, realizamos um estudo de caso. Utilizamos uma metodologia quanti-qualitativa. Seleccionamos um casal e entrevistamos ambos os cônjuges e os pais de cada um deles individualmente, chegando ao número total de seis sujeitos.

4.1

Sujeitos da pesquisa

Em nossa pesquisa, seleccionamos um casal jovem (marido, 27 anos; esposa, 28 anos), casados há 4 anos, sem filhos e com pais vivos. Buscamos seleccionar um casal com tempo de união entre 3 e 10 anos e sem filhos, devido ao fato de que a presença de filhos inaugura outra fase do ciclo vital envolvendo o casal em questões de parentalidade (McGoldrick, 2001). Os entrevistados são pertencentes à camada média de uma cidade de Minas Gerais. Os nomes dos entrevistados foram alterados para preservar a identidade dos mesmos.

O casal escolhido tem as seguintes características: Marcelo Filho é casado com Sandra e moram em uma cidade de médio porte do estado de Minas Gerais. Eles estão casados há 4 anos. Namoraram 7 anos antes do casamento. Durante o namoro, Sandra vivia na casa de seus pais e Marcelo Filho na casa de sua mãe. Ele foi o primeiro e único homem com quem Sandra se relacionou sexualmente. O casal ainda não teve filhos por opção. No entanto, há quatro meses, Sandra parou de usar pílula, devido à decisão de terem um filho.

Marcelo Filho cursou o segundo grau e trabalha numa pequena empresa há 3 anos. É o mais velho de três irmãos. Seus pais vivem separados há 6 anos. Olinda, sua mãe, tem 53 anos e possui uma micro empresa há 30 anos. Seu pai, Marcelo, tem 56 anos, é militar reformado há 4 anos, mora em uma cidade vizinha há 6 anos e tem uma companheira. M. Filho tem duas irmãs: uma de 25 anos, solteira, trabalha durante a semana em outra cidade vizinha e passa os finais de semana na casa da mãe; a outra tem 23 anos, está cursando a faculdade, é solteira e mora com a mãe.

Sandra é graduada em Administração de Empresas e trabalha como secretária particular de uma pequena empresa há 8 anos. É a primogênita de três irmãos. Seus pais e irmãos moram e trabalham na mesma cidade em que ela. Sandra tem um irmão com 27 anos que trabalha numa empresa e uma irmã com 18 anos, estudante. Ambos moram com os pais e são solteiros. Seu pai, Afonso, tem 62 anos e trabalha há 29 anos na mesma empresa. Sua mãe, Conceição, tem 53 anos e é dona de casa. Os pais são casados há 30 anos.

4.2

Instrumentos

Em nosso estudo utilizamos o método quanti-qualitativo, desenvolvido em duas etapas. Inicialmente, foi aplicado em cada membro do novo casal um questionário (anexo 1) desenvolvido por Féres-Carneiro (2004) com o objetivo de investigar a conjugalidade dos pais, tal como vivenciada e percebida pelos filhos. O questionário foi aplicado individualmente nos dois parceiros no mesmo horário e local, com o objetivo de evitar trocas de informação entre eles e possíveis influências nas respostas.

O questionário, QCP (Questionário sobre a Conjugalidade dos Pais) foi extraído de uma pesquisa em andamento cujo objetivo é estudar as relações existentes entre a conjugalidade dos pais, tal como vivenciada e percebida pelos filhos e as concepções, motivações e expectativas que esses filhos possuem em relação ao laço conjugal. Em nossa investigação, o questionário foi utilizado para identificar o grau de satisfação conjugal dos pais tal como percebido pelos filhos, visando relacionar esse dado com o material obtido por meio das entrevistas.

O QCP, que avalia a relação conjugal dos pais, tal como percebida pelos filhos, foi construído a partir de outros instrumentos de avaliação da relação conjugal, sobretudo do FBQ - *Family Background Questionnaire* (Melchert, 1998; Melchert & Sayger, 1998) e do *ENRICH M-Marital Inventory* (Fowers & Olson, 1989; Olson & Fowers, 1993), assim como da literatura sobre estrutura e dinâmica do laço conjugal. A escala do QCP foi constituída de 56 itens fechados para serem respondidos em escala Likert de cinco pontos (consistência interna

“alfa” de Cronbach foi $\alpha = 0,96$). Estes itens estão relacionados a diferentes aspectos que têm sido identificados como relevantes na vivência da conjugalidade, alguns deles indicando menos conflitos e maior satisfação e outros mais conflitos e menor satisfação na relação conjugal. Embora quatro destes aspectos sejam avaliados pelo QCP - gratificação conjugal, maturidade emocional, identidade conjugal e expressão de afeto - as características psicométricas sugerem a unidimensionalidade da escala de avaliação do QCP, dirigida ao construto maior: a conjugalidade (Féres-Carneiro; Magalhães & Ziviani, no prelo).

Após a aplicação desse questionário, realizamos uma entrevista semi-estruturada com roteiro oculto (anexo 2) com cada sujeito, o casal e seus respectivos pais. Esse roteiro oculto foi utilizado como um guia para o pesquisador abordar pontos relevantes para a investigação. Os temas escolhidos para o roteiro oculto foram formulados a partir da fundamentação teórica e dos objetivos da pesquisa e foram incluídos na entrevista à medida que ela se desenvolveu. Dessa forma, os entrevistados puderam expressar seus pensamentos livremente, externando o que cada um considerava significativo.

Os temas incluídos no roteiro oculto das entrevistas com o casal foram:

- concepção de casamento
- aspectos positivos e negativos no casamento
- expectativas sobre o seu casamento
- papéis e funções estabelecidos no casal
- espaço para a individualidade e a conjugalidade
- sexo no casamento
- trato com o dinheiro no casamento
- lazer no casamento
- relação com a família de origem
- percepção do modelo de relação parental, influência geracional

Os temas incluídos no roteiro oculto das entrevistas com os pais foram os mesmos acima descritos, com exceção do último. Na entrevista com os pais, abordamos a percepção do próprio modelo de relação conjugal e a percepção de possíveis influências geracionais.

Nas entrevistas com o casal, investigamos a construção do laço conjugal privilegiando a influência da conjugalidade de seus pais. Nas entrevistas com os pais de cada parceiro, investigamos a dinâmica conjugal e a percepção de sua

influência na conjugalidade dos filhos. A partir daí, analisamos semelhanças e diferenças no conteúdo das falas das duas gerações e as influências do modelo conjugal parental na formação do laço conjugal do novo casal.

O método de análise dos dados obtidos na segunda etapa foi a análise do conteúdo (Bardin, 1979). O material coletado foi analisado à luz da literatura sobre a conjugalidade, privilegiando a investigação da influência das famílias de origem na construção do laço conjugal do novo casal.

4.3

A realização das entrevistas

A seleção do casal se deu por meio de indicação de pessoas conhecidas da pesquisadora. Foi difícil encontrar um casal dentro desse perfil, uma vez que a maioria dos casais apresentava alguma característica diferente do modelo proposto. Dentre os casais indicados, com tempo de união entre 3 e 10 anos, alguns apresentaram um dos cônjuges no segundo casamento, outros não tinham filhos por impossibilidade biológica de um dos parceiros, outros não tinham um dos representantes parentais vivos.

Na seleção, conseguimos recrutar quatro casais com características adequadas à pesquisa proposta. A esposa do casal 1 argumentou que a sogra e o sogro eram muito sistemáticos e não iriam querer participar das entrevistas. O pai da esposa do casal 2 morava distante, tornando difícil o contato com ele. Com o casal 3, chegamos a marcar o horário para a aplicação do questionário. No entanto, eles se separaram alguns dias depois. Encontramos no casal 4, Sandra e M. Filho, as características adequadas ao modelo proposto e disponibilidade pessoal, tanto deles quanto dos respectivos pais, para a realização das entrevistas. O relato desses sujeitos possibilitou a coleta de extenso material.

O questionário e as entrevistas foram realizados em março de 2005. As entrevistas foram marcadas uma a uma por contato telefônico feito pela pesquisadora. Tanto o questionário quanto as entrevistas foram realizados no consultório da pesquisadora por opção dos próprios entrevistados. Os sujeitos compareceram às entrevistas em dias diferentes, de acordo com a disponibilidade individual na seguinte seqüência: Sandra, M. Filho, Marcelo (pai de M. Filho),

Afonso (pai de Sandra), Conceição (mãe de Sandra) e Olinda (mãe de M. Filho). As entrevistas foram gravadas em fita de áudio com o consentimento anterior de cada um deles, resultando num total aproximado de sete horas e meia de gravação. Posteriormente, as fitas foram transcritas pela pesquisadora.

4.4

Análise e discussão dos dados

Na primeira etapa de nossa investigação, a aplicação do QCP, Sandra e M Filho obtiveram os seguintes escores, respectivamente: 225 e 205. Comparando tais resultados com os da amostra original do QCP, Sandra apresentou avaliação da conjugalidade dos pais como satisfatória (posição 66,4%) e M. Filho apresentou avaliação da conjugalidade dos pais como insatisfatória (posição 30,4%). De acordo com os resultados do QCP discutidos em trabalho recente (Féres-Carneiro; Magalhães & Ziviani, no prelo), a condição de pais casados apresenta avaliação de satisfação significativamente maior (média 221,62) comparativamente apenas com pais não-casados, isto é, tanto recasados (média 195,50) quanto separados (média 186,78), independentemente do gênero dos sujeitos.

4.4.1

Um breve histórico das famílias de origem do novo casal

Ao perguntarmos sobre a relação dos sujeitos com suas famílias de origem, descortinou-se a história dos pais do novo casal. Embora nossa pesquisa focalizasse a influência das famílias de origem na construção do laço conjugal no novo casal, pudemos observar determinados aspectos repetidos não em duas, mas em três gerações. Visando destacar a riqueza desse material, contextualizamos inicialmente aspectos significativos da história da primeira geração, as famílias de origem dos pais do novo casal. Logo depois, abordamos a história da segunda geração, os pais do novo casal, e finalizamos com a formação do laço conjugal na terceira geração, o novo casal, privilegiando as influências intergeracionais. Ilustramos (anexo 3) tal material com o genograma familiar para melhor identificar a posição dos indivíduos na família.

Iniciamos com a história da família de origem de M. Filho. Marcelo e Olinda são os pais de M. Filho. Os pais de Marcelo, avós de M. Filho, não estão vivos. O irmão mais velho de Marcelo, com diferença de 20 anos, ocupou o lugar paterno em sua vida e a esposa desse irmão ocupou o lugar materno. Marcelo é o mais novo de 5 irmãos e morou na casa desse irmão mais velho praticamente toda a vida. Esse irmão-pai exercia uma influência grande, de modo autoritário, na vida de Marcelo. Marcelo viveu na casa dele até antes de se casar com Olinda.

Os pais de Olinda, mãe de M. Filho, tiveram 4 filhas, das quais uma morreu na primeira infância. Olinda é a mais nova das irmãs. Seu pai batia em sua mãe e, muitas vezes, as deixava passar necessidades. Quando Olinda tinha 2 anos, seu pai se separou de sua mãe. O motivo da separação de seus pais foi traição. Seu pai saiu de casa com outra mulher, mudou de cidade e levou as duas filhas mais velhas sem o consentimento da esposa. Olinda ficou com a mãe. Com a ajuda de um advogado, a mãe de Olinda conseguiu recuperar as filhas, ainda crianças, que passaram a viver com ela. O pai de Olinda “reapareceu” quando ela completava 7 anos e pediu à sua (ex)esposa, a mãe de Olinda, a separação oficial, que por sua vez não concedeu. Ele voltou para a cidade onde vivia com a segunda esposa, embora permanecesse oficialmente casado com a primeira, a mãe de Olinda.

Olinda adoeceu gravemente aos 14 anos. Nessa ocasião, sua irmã mais velha escreveu para seu pai, narrando sobre a doença de Olinda. Ele voltou para vê-la e partir dessa data passou a estar com sua família duas a três vezes por ano. O pai de Olinda a levou ao altar em seu casamento e após seis meses, faleceu.

Olinda e Marcelo, pais de M. Filho, se casaram porque Olinda estava grávida. Ficaram 7 anos casados, período em que tiveram os três filhos. M. Filho é o primogênito de três irmãos. Após os primeiros 7 anos de casamento, Olinda e Marcelo se separam durante 8 meses. Essa separação, embora tenha durado pouco tempo, foi judicial. Há contradições a respeito do motivo da separação. Segundo Olinda, foi porque Marcelo a traiu. Marcelo fala que foi “*fofoca*” de parentes dela. Depois de 8 meses separados, eles voltaram a viver juntos, na ocasião em que a filha mais nova do casal adoeceu. Essa segunda união durou 14 anos. Após 4 ou 5 anos dessa segunda união, Olinda e Marcelo resolveram recasar-se oficialmente. No final de 14 anos houve uma segunda separação. Segundo Olinda, foi traição novamente; segundo Marcelo, foi incompreensão da parte da esposa. Essa segunda separação não foi oficial e já tem 6 anos. Marcelo está esperando a

filha mais nova se graduar para entrar com o pedido oficial de separação. Hoje, eles ainda estão separados fisicamente e casados oficialmente.

A história de separação dos pais de M. Filho repete aspectos significativos do modelo parental da mãe de M. Filho. Na família de origem de Olinda, seus pais apresentam uma história de separação e traição bem semelhante à dela com Marcelo. A forma como Olinda e Marcelo vivenciaram a separação foi cheia de contradições e aspectos não elaborados. A história desse casal apresenta mecanismos de negação, de omissão, de projeções, lutos mal elaborados, traições, medos e fronteiras pouco delimitadas que reaparecem de forma mais ou menos marcante na relação de M. Filho com Sandra.

Afonso e Conceição são os pais de Sandra. Afonso é o filho mais velho de três irmãos, sendo a mais nova, irmã somente por parte de pai. Seu pai mantinha uma segunda união fora de casa. Seus pais ficaram unidos durante 25 anos, aproximadamente. Segundo Afonso, o casamento de seus pais foi marcado por conflitos recorrentes. Seu pai bebia, quando chegava em casa batia em sua mãe, nele e em sua irmã, ainda no berço. Ao se tornar jovem, Afonso passou a defender sua mãe das agressões paternas. Segundo Afonso, em uma determinada ocasião, seu pai dirigiu-se a ele dizendo que já havia homem dentro de casa. Os dois, pai e filho, brigaram fisicamente. A partir desse episódio, seu pai saiu de casa dizendo que não voltaria mais. Segundo Afonso, depois que seu pai foi embora, ele passou a “tomar conta” de sua mãe e “terminou de criar” sua irmã. Na sua juventude, Afonso trabalhou de dia para sustentar a mãe e a irmã e de noite ele “ia pro baixo meretrício”.

Segundo Afonso, em uma determinada ocasião, sua mãe lhe perguntou se ele iria ficar para a semente. Ele compreendeu essa colocação materna como se ela estivesse perguntando se ele não iria se casar. Essa compreensão de Afonso levou-o a estabelecer o casamento com Conceição. Para Afonso, seu casamento foi uma substituição da relação com sua mãe. Quando sua mãe lhe perguntou se ele iria ficar pra semente, ele entendeu a pergunta como uma missão a cumprir. Afonso mantém um compromisso de lealdade para com sua mãe, obedecendo a seus mandatos e substituindo-a pela esposa.

Conceição é a filha mais velha de 7 irmãs. Morou na roça com seus pais e irmãs até a juventude. Seu pai era muito calado em casa. No entanto, bebia e ameaçava os outros na rua. A mãe de Conceição buscava ajuda de outras pessoas

para trazer seu marido de volta para casa quando ele bebia e o colocava para dormir. Seus pais vieram para a cidade porque as filhas não “agüentavam mais o serviço pesado” da roça. Quando chegaram na cidade, Conceição foi trabalhar em casa de família e dormia no emprego. Ela mantinha consigo o pensamento de um dia ficar livre do trabalho e ter a própria casa. Conceição trabalhou nesse mesmo emprego até se casar com Afonso e, então, nunca mais trabalhou fora.

Afonso foi o primeiro e único namorado de Conceição. Durante o namoro, Conceição ficou grávida e eles se casaram. A gravidez representou um aspecto significativo na decisão do casamento. Para Afonso a gravidez de Conceição foi um erro que devia ser reparado, casando-se com ela.

No casamento de Afonso e Conceição, os parceiros ocupam lugares adequados às necessidades de cada um. Para Conceição, o casamento se fundamenta no modelo materno de união indissolúvel. Sua mãe mantinha a crença de que casamento é para sempre e com o primeiro namorado. Em seu casamento, Conceição ocupa o papel de mãe para Afonso, que se torna muito dependente dela, ocupando o lugar de filho.

4.4.2

Análise e discussão das entrevistas

Na análise do material obtido nas entrevistas, evidenciaram-se 15 categorias: concepção de casamento; aspectos positivos e negativos no casamento; expectativas sobre o casamento; divisão de tarefas, papéis e funções; espaço para individualidade e para a conjugalidade; sexo no casamento; o dinheiro na conjugalidade; lazer no casamento; relação com as famílias de origem; lugar dos filhos na conjugalidade; separação; o mito da traição; comunicação e profecias auto-realizáveis; influência geracional em três gerações. Na análise de cada uma delas relacionamos as falas dos parceiros do novo casal com as falas de seus pais.

Concepção de casamento

A concepção de casamento de M. Filho apresenta influência paterna e materna, sobretudo a paterna. Marcelo, pai de M. Filho, valoriza a conjugalidade,

o “*viver a dois*” e a presença dos filhos. No entanto, em sua fala, Marcelo deixa claro que não viveu em seu casamento com Olinda a conjugalidade valorizada. M. Filho absorve do modelo paterno a valorização da conjugalidade, mas comete um ato falho na entrevista e deixa passar uma impressão contraditória sobre a importância da conjugalidade em relação à valorização de sua esposa como parceira sexual. “*No meu casamento, o principal é minha mulher... Como mulher, nad... (nada) (diminuiu o som do último fonema, engasgou-se e se corrigiu), ela é demais... (fala de M. Filho sobre sua esposa)*”. M. Filho expressa a influência materna no que se refere à concepção de que brigas e dificuldades são inerentes à relação conjugal.

“Casamento para mim, apesar do meu não ter sido assim, é uma união, um viver para o outro, entender o outro, compreender as dificuldades do outro, na alegria, no prazer, na tristeza, sem domínio. É viver a dois. Casamento é... tá junto, é filho, esposa, marido.”

“(...) pra mim foi prisão... de prisão chega”. (Marcelo, pai de M. Filho)

“Meu casamento, teve muitos trancos e barrancos... foram muitas brigas. É difícil, muito difícil... Você pensa que tá tudo com muita harmonia... Quando vê... não tem, casamento não é fácil não... é muito difícil”. (Olinda, mãe de M. Filho)

“Casamento para mim é o casal, o convívio das pessoas. De repente... ter filhos. É constituir família”.

“No meu casamento o principal é minha mulher... Como mulher, nad...(nada) (diminuiu o som do último fonema, engasgou-se e se corrigiu), ela é demais...”

“(...) as brigas, tem muitas. É difícil, né? Mas, se não tiver briga acho que também não vai, fica monótono...” (M. Filho)

M. Filho absorve do modelo paterno a valorização da conjugalidade e a contradição existente no comportamento de seu pai entre tal valorização e a vivência desse valor. A vida conjugal de Marcelo, pai de M. Filho, é marcada por vários episódios nos quais ele trai sua esposa, Olinda, e nega a traição. M. Filho repete o modelo contraditório entre o falado e o vivido. Ele também trai Sandra e nega a traição, fatos esclarecidos na análise de outras categorias. O modelo de Marcelo, de forma velada, é transmitido a M. Filho, caracterizando um aspecto da transmissão multigeracional.

A concepção de casamento de Sandra denota a transmissão de mãe para filha. Ambas percebem o casamento como uma união para toda a vida e valorizam o sacrifício implícito nessa união, diferente do pai que valoriza mais a relação conjugal, destacando a cumplicidade como um elemento importante na união. O mito do casamento para sempre e com sacrifício é um aspecto transmitido da primeira geração (os avós maternos de Sandra) para a segunda geração (os pais de Sandra) e está presente também na história conjugal da terceira geração, Sandra e Marcelo.

“Casamento para mim é uma cumplicidade das duas partes. O que prevalece é a vida conjugal. Acho que a pessoa continua sempre íntima, né?” (Afonso, pai de Sandra)

“Eu ainda sigo o jeito da minha mãe: Conheceu a primeira pessoa, casou, e viveu até morrer. Eu acho isso também. Eu também já vou fazer 30 anos (de casada)... tudo tem seus altos e baixos, né?” (Conceição, mãe de Sandra)

“Eu acho que o casamento é uma união que deve durar uma vida... eu acho que casamento é mais família, né?”

“Já passei por cima de muita coisa que eu não concordava para continuar o casamento”. (Sandra)

Essa família ilustra bem como um padrão de transmissão multigeracional pode ser repetido em três gerações. Bowen (1978) considera como um mecanismo de transmissão multigeracional o grau de diferenciação do indivíduo em relação à sua família de origem. Segundo o autor, quanto maior o grau de indiferenciação dos filhos com relação aos pais, maiores serão suas dificuldades em se separar dos mesmos. Nessas situações, a herança da família de origem pode reproduzir no indivíduo e em suas futuras relações conjugais aspectos bem semelhantes àqueles vividos em gerações anteriores.

Jackson (1965) afirma que um dos fatores mais importantes na transmissão multigeracional consiste no fato de que a criança não só aprende a responder à atitude de seus pais, mas também registra os modelos paternos como matrizes para suas próprias respostas.

Na linhagem de M. Filho ele se identifica com o modelo paterno repetindo o modelo contraditório entre o falado e o vivido. Sandra absorve o modelo de duas

gerações anteriores, concebendo o casamento como união indissolúvel, constituição de família, e a presença do sacrifício como um valor implícito no casamento. A concepção de casamento de M. Filho e Sandra contem aspectos transmitidos multigeracionalmente por ambas as famílias que estabelecem no novo casal uma dinâmica relacional complementar. Ressaltamos, ainda, que M. Filho e Sandra apresentam-se mais identificados com o progenitor do mesmo sexo.

Aspectos positivos e negativos do casamento

M. Filho aponta a amizade de sua esposa, expressa por uma aceitação incondicional e disponibilidade para escutá-lo, como aspecto positivo em seu casamento. Esse aspecto não reproduz valores da família de origem. Seus pais, diferentemente, destacam os filhos como aspectos positivos do casamento, priorizando a família. O pai de M. Filho ressalta, em seu casamento com a mãe de M. Filho, mais aspectos negativos do que positivos. Havia brigas e desentendimentos constantes entre ele e sua esposa. Para Olinda, mãe de M. Filho, o positivo em seu casamento foi o que não aconteceu, a manutenção de seu casamento até hoje.

Com relação aos aspectos negativos no casamento, M. Filho destaca que sua esposa não aceita o relacionamento entre ele e mulheres de seu trabalho, reproduzindo com menor intensidade o modelo do casamento de seus pais. Seu pai, Marcelo, destaca como aspecto negativo em seu casamento o ciúme e o domínio de sua esposa, além do pouco diálogo entre eles. Para Olinda, o negativo no casamento foi a traição.

“Positivo, pra mim, foram os meus filhos, porque o tempo que eu vivi casado, foram poucos momentos positivos no casamento”.

“Agora... aspecto negativo... foi ciúme... ela queria dominar, não aceitava minhas coisas, eu não era dono de mim... não podia fazer nada... para satisfazê-la, eu tinha que concordar com tudo... Entendeu? O ruim... a coisa ruim entre a gente é que o diálogo foi pouco”. (Marcelo, pai de M. Filho)

“Os filhos... os filhos é uma coisa muito positiva”.

“Eu acho que o positivo é o que eu queria que não aconteceu. Eu queria estar casada até hoje... Positivo era, era isso. O que nunca aconteceu.”

“Negativo é a traição... é muito pesado... é muito difícil alguém levar um casamento com traição, muito difícil”. (Olinda, mãe de M. Filho)

“Aspectos positivos... é a amizade que existe entre a gente... quando eu casei, eu ganhei uma amiga... na verdade assim... eu ganhei um pouco... um confessorário né? Porque com ela eu faço... posso... qualquer problema que eu tenho, converso com ela”.

“Os negativos... no meu trabalho... eu trabalho com três homens e duas mulheres... no meu trabalho... (abaixou o tom da voz) tem duas mulheres... e... qualquer coisa que acontece, um liga para o outro para contar... e eu converso com as mulheres... sabe... coisa de trabalho... e ela não aceita...” (M. Filho)

Em relação aos aspectos positivos do casamento, Sandra considera o sentimento e o apoio mútuo, construções em comum. Sobre os aspectos negativos, Sandra identifica as brigas, a insegurança, a desconfiança e o pouco diálogo entre eles. Tanto seu pai quanto sua mãe apresentam contradição em relação aos aspectos positivos e negativos no casamento. O que ambos consideram positivo é também o que consideram negativo. Para Conceição, mãe de Sandra, o positivo é *“fazer tudo para combinar”* e o negativo é *“renunciar a muita coisa em favor da união”*. Sandra absorve o modelo materno de renúncia. Ela renuncia várias vezes a sua própria desconfiança em relação à traição de M. Filho. Afonso, pai de Sandra, aponta como aspecto positivo *“passar aperto na vida”* para fortalecer a relação e considera como negativo a dificuldade financeira.

“(...) positivo... pra te ser sincero, pra ter um casamento bom, tem que passar aperto na vida”.

“Negativo acho que são as dificuldades, o meio de vida, as coisas hoje ocorrem para acabar com o casamento. É... dificuldade financeira, desconforto, coisas nesse sentido”. (Afonso, pai de Sandra)

“Positivo é você fazer tudo para combinar, para dar certo, para levar o casamento para frente e tudo”.

“Negativo, é... assim... você tem que renunciar a muita coisa, né?... Tem hora que você tem vontade de largar tudo e ir trabalhar fora (Conceição deixou de trabalhar para cuidar da família) e deixar o casamento pra lá... e daí você vai e pensa duas vezes e volta atrás”. (Conceição, mãe de Sandra)

“Acho que o aspecto positivo do nosso casamento é o sentimento, gostar... é muito importante, é a gente se apoiar um no outro, querer construir as coisas juntos”.

“Negativo são as brigas... insegurança... eu não confio nele a ponto de falar: ele resistiria (a “ficar” com uma mulher)... isso... eu acho negativo”.

“(...) com um ano de relacionamento eu soube, por outras pessoas, que ele me traiu algumas vezes. Depois disso eu sempre tive a desconfiança, porque eu tinha aquela coisa: ele já fez uma vez... pode fazer de novo... e algumas vezes eu pego que ele mentiu para mim”.

“(...) eu passo por cima de muita coisa pra manter meu casamento. Tem hora que eu penso: calma... vou dar mais uma chance pra ver se vai melhorar... porque eu gosto dele”.
(Sandra)

O novo casal difere em suas visões sobre aspectos positivos e negativos no casamento, apresentando muitas contradições. Enquanto M. Filho identifica o “*confessionário*” como aspecto positivo em seu casamento, Sandra afirma que “*ele está sempre calado, eu tenho que causar uma briga pra ele poder falar*”. Podemos interpretar o “*confessionário*” como a disponibilidade para o perdão, por parte da esposa. M. Filho diz que Sandra está sempre disposta a ouvir, é uma amiga. Contudo, ele parece desejar que ela o perdoe. Em relação aos aspectos negativos, M. Filho repete o modelo paterno e percebe a esposa como ciumenta. Sandra identifica como aspecto negativo no casamento sua desconfiança e reproduz o comportamento de sua mãe em relação às renúncias. Sandra renuncia à sua própria percepção de desconfiança, negando-a parcialmente, para manter o casamento.

A literatura psicanalítica aponta que a conjugalidade dos pais influencia o desenvolvimento afetivo-sexual dos filhos e os padrões interacionais estabelecidos por eles ao constituírem suas próprias relações. Eiguer (1984) afirma que a organização inconsciente do casal encontra-se embasada na representação que cada sujeito possui das figuras parentais. Nesse sentido, M. Filho identificou-se com seu pai, um sujeito tido pela esposa, e Sandra identificou-se com sua mãe, sobretudo, renunciando para manter o casamento. De modo complementar, Sandra reatualiza a mãe de M. Filho.

Expectativas sobre o casamento

M. Filho, ao falar de sua expectativa sobre o casamento, faz referência à construção de um patrimônio e à presença de filhos. Ele não inclui nenhuma referência ao fracasso do casamento dos pais. Suas expectativas incluem ter futuramente uma casa na roça, elemento presente na história familiar do pai. Seu pai, Marcelo, há seis anos separado de sua mãe, Olinda, mora hoje com uma companheira na zona rural. Seus pais, Olinda e Marcelo, referem-se a um ideal de felicidade não vivido na conjugalidade.

“Pensava assim... que teria... as briguinhas... normal... acho que isso aí é normal... mas não como foi, entendeu?” (Marcelo, pai de M. Filho)

“Eu achei que o nosso casamento seria bom. Que a traição do namoro devia ser uma fraqueza... passou... eu achei que era um defeito que aconteceu né? Mas, pronto... nós recuperamos e resolvemos, né? Eu achava que não ia ser assim não”. (Olinda, mãe de M. Filho)

“Era de... construir... um patrimônio, casa, né... ter filhos e... quando tiver 30 anos de casado, viver lá naquela rocinha que você comprou”. (M. Filho)

Sandra e sua mãe, Conceição, não tinham grandes expectativas sobre o casamento. Ambas utilizam o termo “ilusão”. Afonso menciona um conforto que não foi possível oferecer à esposa, como expectativa sobre seu casamento.

“Ela merecia um conforto melhor!” (Afonso)

“Eu não tinha muita ilusão não. Eu não tinha aquela ilusão de felicidade, o que ia ser... mas assim, eu fui deixando as coisas acontecerem e... foi passando o tempo, né?...” (Conceição)

“Meu casamento? Era o que eu imaginava que fosse... eu já sabia que ele (M. Filho) era assim, não tinha nenhuma ilusão de que eu ia casar e ia ser diferente não...” (Sandra)

Sandra reproduz o padrão materno de não ter “ilusão de felicidade”. Toda família de origem transmite padrões funcionais ou disfuncionais em relação à vida e aos próprios relacionamentos, assim como ideais. Esses padrões são

transmitidos aos descendentes, tornando-se presentes em seus relacionamentos íntimos e em outras áreas da vida adulta (Bowen, 1978).

Divisão de tarefas, papéis e funções

M. Filho assume uma posição pouco cooperativa na sua relação conjugal, diferente de seus pais que dividiam as tarefas da casa. Ele absorve do pai o gosto pela culinária.

“Eu lavava, passava, cozinhava, arrumava a casa, entendeu? Única coisa que eu não gostava de ir é a banco, entendeu? Então a divisão era assim, eu fazia o serviço de casa”.
(Marcelo, pai de M. Filho)

“Ele me ajudava. Muitas das vezes eu trabalhando, quando eu chegava em casa, ele trocava frada, se tivesse que dar uma mamadeira fazia tranqüilo”.

“Ele fazia... é... fazia um, um jantar pra gente...” (Olinda, mãe de M. Filho)

“Ah, eu ajudo um pouco... mas gosto mais é de fazer um jantar junto com ela... não gosto muito de arrumar a casa não”. (M. Filho)

Sandra traz o modelo materno de cuidadora do lar de forma mais atenuada que sua mãe. A família de origem de Sandra representa alguns estereótipos tradicionais em relação aos papéis de gênero. A incumbência básica de Conceição era zelar pelo lar e Afonso garantia o sustento da família.

“(...) ela (Conceição, mãe de Sandra) faz tudo e eu não tenho animação pra nada. E quando a gente quer ajudar, ela não deixa. Se eu chegar lá em casa e pegar um copo d’água e lavar o copo d’água, ela lava ele outra vez.” (Afonso, pai de Sandra)

“Ele não sabe fazer nem um café. Nessa parte, eu acho que eu fui culpada também, eu sempre dei tudo na mão. Ele não tira comida na panela, você tem que arrumar o prato dele”
(Conceição, mãe de Sandra)

“Ele me ajuda em alguma coisa na cozinha... mas arrumar a casa, não... mas... não me sinto uma empregada dele... mas vou dizer que gostaria que ele fosse melhor.”

“(...) algumas vezes, eu chego muito cansada... e aí eu falo: pôxa vem me ajudar, pôxa, mas você precisava fazer essa bagunça toda que você fez aqui?” (Sandra)

No novo casal M. Filho não absorve o padrão paterno no qual seu pai dividia as tarefas domésticas. Ele faz em casa apenas o que quer, como e quando quer. Sandra repete o modelo materno de forma menos intensa. Nesse caso, fica claro como os sujeitos herdeiros ocupam uma posição ativa no processo de transmissão, podendo transformar ou reconstruir o material transmitido, imprimindo sua própria marca e nesse sentido, a conjugalidade participa no processo de transformação.

Sandra acredita representar para M. Filho um papel idealizado. M. Filho a considera *“muito acima do ambiente que ele estava indo”* (fala de Sandra).

“(...) Eu comecei a indagar, porque que ele (M. Filho) saía e não me levava. Aí teve um dia que ele falou, que... ele me considerava muito acima do ambiente que ele estava indo e ele queria me deixar de fora, porque eu fazia parte de um lado da vida dele que não tinha nada a ver com aquele outro lado... tipo assim... que eu era boa demais para estar onde ele estava. Onde ele tava, o pessoal tava fazendo isso (fumando maconha) e ele não ia admitir que fizesse na minha frente, porque ele sabia que eu ia ficar magoada...”

Sandra se considera a salvação de M. Filho, que necessita de sua ajuda para abandonar as drogas. Ela representa a mãe cuidadora.

“(...) e ele (M. Filho) tem isso de se entregar quando ele tem um problema, quando ele briga comigo, ele vai atrás (da maconha) para poder... sabe? (...) Isso já foi muito mais forte... eu posso até ser... convencida, mais eu ajudei muito ele a sair disso. Quando eu conheci ele, eu vi que ele tava num lugar bem fundo, sabe?” (Sandra)

Esse exemplo nos remete a um jogo inconsciente estabelecido entre o casal caracterizado pela colusão oral. Segundo Willi (1978), na colusão oral um dos parceiros representa o papel de cuidador. Esse tipo de relação aponta para um padrão de co-dependência. A colusão oral gira em torno da temática do amor

como preocupação, cuidado e sustentação constante de um parceiro em relação ao outro.

Espaço para individualidade e para a conjugalidade

M. Filho estabelece um espaço para a individualidade em seu casamento, embora perceba que isso gera conflitos para sua união. Nesse sentido, ele reproduz o modelo paterno. Marcelo, seu pai, refere-se à necessidade de ter um espaço para “*tomar uma cervejinha e jogar uma bolinha*” e à impossibilidade de exercer sua individualidade sem a vigilância da esposa. Olinda, mãe de M. Filho, privilegia seu trabalho como espaço para a individualidade. A conjugalidade, para Olinda e Marcelo, pais de M. Filho, era freqüentemente imersa num clima de desentendimento.

“Eu gosto de tomar uma cervejinha, mas não posso sair, atravessar a rua pra tomar uma cervejinha... jogar uma bolinha. Eu não podia sair de casa no domingo pra ir lá no campo bater pelada. Ela ia lá onde eu estava simplesmente para conferir”.

“Tudo que a gente fazia em comum era num clima de desentendimento”. (Marcelo, pai de M. Filho)

“(...) isso pra mim é o meu individual... (a relação com os amigos) então o que acontece... é que a gente tem contato quase todo dia.... (abaixou o tom da voz) tem mulheres entre os meus amigos... então quando acontece alguma coisa, um telefona pro outro pra contar”.

“(...) eu tinha som no carro e gostava muito de encontro de som... é só homem que vai... é lógico que tem mulher. Tinha dia que a gente ia até dez, onze da noite, meia noite, uma, duas horas da manhã... dia de semana, então... começou a dar conflito sabe... aí parei”.

“As nossas coisas em comum... a gente conversa no fim de semana quando a gente fica em casa... na verdade... não tem muita coisa que a gente tem só nós dois.” (M. Filho)

M. Filho oscila entre a manutenção do espaço de individualidade e a abdicação desse mesmo espaço, devido aos conflitos gerados em seu casamento. Essa situação caracteriza os momentos oscilatórios e conflitantes presentes no processo de construção da conjugalidade. Segundo Dias (2000), na formação de um casal os parceiros oscilam entre a negação de suas individualidades em prol

da integração do casal e, posteriormente, reafirmam suas diferenças, investindo no desenvolvimento individual.

Sandra não valoriza a individualidade, afirma ceder seus espaços individuais de boa vontade para ficar com o esposo. Ela reproduz o padrão de sua mãe, Conceição, que assegura não ter nada pessoal. Contudo, com relação ao trabalho, Sandra não vê a menor possibilidade de parar de trabalhar para viver por conta do marido, diferente de sua mãe, que abriu mão de seu trabalho a pedido do parceiro. Sandra assemelha-se com a mãe de M. Filho, na medida em que considera seu trabalho como o espaço privilegiado da individualidade. Afonso, pai de Sandra, diz ter perdido parte de sua individualidade após ter se casado. No discurso dele evidencia-se a conformação: *“faz parte da natureza”*.

“Quando a gente é solteiro e depois faz um compromisso, a gente perde um pouco a nossa individualidade. Sempre tem um lado negativo, queira ou não queira, faz parte da natureza”.
(Afonso, pai de Sandra)

“Eu trabalhava antes de casar, mas ele (Afonso, seu marido) falou que era melhor eu ficar ali para cuidar da casa mesmo... aí os meninos foram nascendo e foi ficando cada dia mais difícil voltar a trabalhar”.
“Hoje não tem nada que eu queira fazer não... não existe não. Comigo não tem não”. (Conceição, mãe de Sandra)

“Eu não tenho alguma coisa que eu tenha que fazer sozinha, não. Não existe isso na minha vida Eu até penso que... eu devia fazer alguma coisa... eu devia sair... e... ter alguma vida minha né?”

“Essa parte do meu Eu na relação... eu abro mão tranquilamente de qualquer coisa que eu tiver que fazer sozinha ou com uma amiga, pra estar com ele (o marido)”.
“Mas... eu já tenho uma coisa diferente... minha vida profissional é muito independente, desde 14 anos que eu trabalho fora e não vejo a menor possibilidade de um dia parar pra viver por conta do marido”. (Sandra)

Sexo no casamento

M. Filho refere-se à dificuldade de conciliar o seu desejo sexual com o de Sandra e fala sobre um padrão repetitivo estabelecido na vida sexual deles após o segundo ano de casamento. Marcelo, seu pai, demonstra insatisfação com relação

à vida sexual no casamento com Olinda, devido ao desinteresse dela em relação ao sexo.

“Quando tava bem, que é difícil tá bem era uma maravilha. Mas como era difícil tá bem, eram dias, semanas, meses sem sexo. E, quando ficava bem, eu que procurava. Na realidade, eu encostava nela, ela chegava pro canto... ela esperava eu dormir pra depois deitar... entendeu?”

“Às vezes até tínhamos relações, mas não era aquele prazer, você não tava fazendo por prazer, tava fazendo por obrigação... não trazia nada de bom”. (Marcelo, pai de M. Filho)

“Era tranqüila. A gente se dava bem. Era tranqüilo. Pra minha parte, sim”. (Olinda, mãe de M. Filho)

“O sexo no casamento... cada dia é de um jeito... né? Eu acho que tem dia que a mulher não quer, tem dia que o homem não quer e tem dia que os dois querem. O dia que os dois querem, pô, é uma maravilha pros dois, né... Mas o dia em que um dos dois não quer, fica bom só para um, ou não fica bom nem para um”.

“Do primeiro pro segundo ano de casamento foi o ápice. Você descobre tudo, né? É vida nova, você vai descobrindo outras coisas, outras formas... E agora, assim... você já.... começa a... ter aquele... quase que um padrão... sabe?” (M. Filho)

Diferentemente de M. Filho, Sandra demonstra insatisfação com relação à frequência sexual. No entanto, ela externa um tom de aceitação: *“É muito resolvido isso”*. Entre seus pais, Conceição e Afonso, não existe relação sexual há muitos anos, questão nunca conversada entre eles. Conceição desconhece o que aconteceu com o marido embora demonstre uma certa acomodação. Afonso relaciona o sexo à procriação.

“Ah, no princípio... como fala, eu era ativo, né... lógico. Mas no decorrer do tempo as crianças começaram a nascer, foi quase virando rotina. Depois que a última criança nasceu, ficou demais, né? Três (crianças) num quarto... é demais, né?” (Afonso, pai de Sandra)

“A relação é assim... sobre esse negócio de sexo, a gente já deixou pra trás há muitos anos. Eu não sei o que houve com ele... se foi por algum problema de saúde que ele deixou pra lá... e eu também deixo pra lá... a gente não discute isso”.

“A gente dorme junto, mas assim... não temos nada mais um com outro, sabe? Mas ele não me faz falta e ele também não

reclama, deixa pra lá, vai passando né... e agora também ele trabalha de noite, a coisa acomodou, né... chega um certo tempo que a gente acomoda e deixa tudo pra lá”. (Conceição, mãe de Sandra)

“A vida sexual é boa... é... às vezes eu até brinco com ele que... eu quero mais... do que ele me oferece... mas eu tenho isso bem resolvido. O M. Filho foi meu único homem. Então, não sei te dizer se é bom ou é ruim, não tenho um termo pra comparar. Queria com mais frequência... Agora... com esse negócio de ter filho... tô meio visando... o período fértil. Acho que eu queria todos os dias, eu até comecei a marcar no calendário, né? Pra gente poder calcular mais ou menos quando podia ser. Aí tem hora que a gente se pega assim: é foi pouco esse mês, esse mês a gente melhorou...” (Sandra)

Para M. Filho o ápice da descoberta sexual já passou. Para Sandra, ele não corresponde às suas expectativas. Sandra expressa seu desejo: *“queria com mais frequência... acho que eu queria todos os dias...”* e, em seguida, complementa: *“Isso é muito bem resolvido”*. Sandra repete o padrão de acomodação de sua mãe. Conceição afirma: *“a gente acomoda”*. A expressão de Sandra: *“Isso é muito bem resolvido”* pode ser considerada uma acomodação e conformação diante de seu desejo sexual e da não correspondência por parte de M. Filho. De modo semelhante, sua mãe, Conceição, afirma: *“eu não sei o que houve com ele, com o tempo a gente acomoda e deixa tudo pra lá”*.

O casal negocia pouco os ajustes na sexualidade e isso pode estar relacionado à não diferenciação dos sujeitos em relação a suas famílias de origem. Segundo Berthoud (2002), a base para as negociações necessárias entre os parceiros está no processo de diferenciação entre eles, cuja gênese encontra-se na diferenciação de cada indivíduo em relação às suas famílias de origem.

O dinheiro na conjugalidade

M. Filho deixa a administração financeira da casa a cargo de Sandra, modelo semelhante ao de seus pais. Na relação de Marcelo e Olinda, a gerência financeira ficava por conta de Olinda, com certa insatisfação por parte de Marcelo.

“Eu me deixei dominar muito. Final de mês, por exemplo, ela ficava satisfeita quando esgotava o meu dinheiro. Ela saía com

os meninos e eles tinham direito a lanche, quando eu saía eles não tinham lanche porque eu não tinha dinheiro”. (Marcelo, pai de M. Filho)

“Sempre o nosso dinheiro tava junto. Eu, quando me casei, ganhava mais do que ele. Mas isso nada pesava pra mim. Ele recebia e separava um tanto pra ele e me dava o dinheiro. Mas ele sabia que aquele dinheiro ia ser encaminhado, bem administrado”.

“O Marcelo sempre teve muito medo de dívidas. Eu pra adquirir as coisas, tinha que comprar no pulso forte. Porque, se deixar por ele, a gente não compraria nada. Ele falava assim: Você tem mania de por a mão onde você não alcança... nunca que ele queria que a gente comprasse nada. Ele falava que eu controlava. Tinha que controlar, pois eu queria adquirir, queria comprar um apartamento, viajar, tinha que ter esses controles”. (Olinda, mãe de M. Filho)

“Meu salário cai na conta do banco, ela faz um doc para nossa conta conjunta... e manipula tudo. Eu nem ponho a mão no dinheiro, se eu precisar de um real, eu peço a ela”.

“Opção minha, opção nossa, né... Ela tá acostumada a lidar com isso desde muito cedo, ela tem esse dom de administrar bem, então... fica na mão dela...” (M. Filho)

Sandra assume uma postura semelhante à de sua mãe, administra os recursos financeiros da casa, recebendo todo o salário do esposo.

“Eu dou o dinheiro todinho que eu ganho pra ela. Quando ela faz as compras no mercado, já paga as contas da casa também”.

“Eu nunca saí para ir à rua comprar uma roupa. É só ela que compra pra mim”. (Afonso, pai de Sandra)

“Ele recebe o pagamento e me dá tudinho na minha mão. Aí, eu que faço os pagamentos, faço a compra, vou a banco, isso sempre foi assim desde que a gente se casou”.

“Quando eu sinto que ele está precisando de alguma coisa, um sapato, alguma coisa, eu vou lá e compro pra ele. Eu e a Sandra, em dia de aniversário, Natal, a gente vê o que ele está precisando e compra pra ele. (...) Mas de solteiro, ele era assim também, era a mãe e a irmã que compravam”. (Conceição, mãe de Sandra)

“Ele me dá o salário dele todo. Ficou pra mim... talvez por ser meu o salário maior e por eu ter mais responsabilidade. Ele tem o talão de cheque dele, eu tenho o meu... –Ah! Comprei isso! Ele me fala...” (Sandra)

M. Filho e Sandra repetem os modelos de ambas as famílias de origem com relação à administração do dinheiro. Nas três famílias a administração financeira fica a cargo das mulheres. Marcelo, pai de M. Filho demonstra insatisfação com isso. Os pais de Sandra concordam com esse modo de funcionamento. Esse pode ser considerado um padrão interacional transmitido intergeracionalmente. Os padrões interacionais são transmitidos de uma geração à outra, influenciando gerações subseqüentes. Bowen (1978) afirma que as transmissões são seqüências repetidas de comportamentos cuja frequência origina um modelo que se traduz em normas para a relação. No novo casal o padrão estabelecido em relação ao trato com o dinheiro reproduz modelos de ambas as famílias e é visto como um procedimento natural.

Lazer no casamento

M. Filho e Sandra passeiam juntos, somente nos feriados. Durante a semana apenas M. Filho tem lazer, o esporte que ele pratica ou as saídas com seu grupo de trabalho. O lazer de Marcelo e Olinda, pais de M. Filho, era ficar com a família e com os filhos. Segundo Marcelo, eles pouco saíam juntos porque não tinham clima de entendimento na relação. Segundo Olinda, eles não saíam juntos devido ao fato de não terem com quem deixar as crianças.

“Tudo girava nesse clima de desentendimento. Quando a gente tava bem, que era pouco, saía... Era... piscina, cachoeira, teatro, um baile. Também ela ia muito pra circo, com os meninos... Eu ia pouco porque não me agradava”. (Marcelo, pai de M. Filho)

“A gente sempre programava nossas viagens de férias. A gente gostava de dançar, gostava de passear, sempre a gente programava passeios com os meninos. Eu achava que a gente tinha uma harmonia muito grande”.

“Sair só nós dois? Era muito difícil. Era muito difícil gente pra ficar com as crianças”. (Olinda, mãe de M. Filho)

“Ah... com relação ao lazer, a gente nunca foi de sair para a noite, de ir numa boate e ficar até duas horas da manhã. Isso, a gente não faz. A gente sempre vai comer uma pizza, num restaurante. A gente sai mesmo nas férias de janeiro, carnaval,

semana santa, a gente sempre tem alguma coisa diferente para fazer”.

“O lazer... eu sempre fui esportista, sabe? Futebol, handebol, vôlei, natação, faço todos os esportes, ela não... É assim, eu falo: – Vamos ao museu dar uma volta? Se tiver que andar, ela não vai. Aí eu vou e ela fica...” (M. Filho)

O lazer do casal Sandra e M. Filho ocorre, sobretudo, num sítio da família. De modo semelhante, os pais de Sandra, Conceição e Afonso não têm lazer conjunto, com exceção do Natal e aniversário de parentes. Conceição saía sozinha ou com seus filhos, parou de insistir com Afonso e aceitou o fato de ele não querer passear com ela. Afonso relaciona sua falta de vontade de sair ao fato de ter que trabalhar à noite.

“Dona Conceição já foi à praia, eu nunca fui à praia. Nunca sai pra lugar nenhum. Sabe o que é... são os compromissos. Pra não perder serviço, a gente faz essas coisas... Na verdade, nós não somos muito de passear, não. Hoje a gente sai em festa de natal... aniversário de uma irmã...”

“(...) Ela cisma de dar um passeiozinho... tá liberado... Ela nem pergunta, porque eu já sei que ela vai ter o prazer dela... não posso impedir ela, nesse sentido”. (Afonso, pai de Sandra)

“Muito difícil. Ele nunca foi de gostar de passear. No princípio, quando a gente se casou eu até implorava pra ele ir. Mas, depois, eu vi que ele não gostava mesmo e eu fui deixando. Ele não me impedia de ir. Então, ele ficava em casa e eu ia. A gente não sai, não passeia, não viaja.... acho que a gente nunca viajou junto”. (Conceição, mãe de Sandra)

“O meu lazer e do M. Filho... é.... a gente vai muito pra Teixeiras. A gente gosta muito de fazer churrasco lá, pegar nossa afilhada e levar... Esse é o nosso passeio. Agora, um virar pro outro e falar: vamos a um bar, uma boate, não tem. Algumas vezes, eu sinto falta. Tem dias que eu tenho vontade de sair, sim, e falo: – Vamos sair? (M. Filho responde:) – Ah, tô cansado... vamos ficar aqui mesmo! Então a nossa saída é assim: Pegamos um filme, fazemos uma comida diferente... dentro de casa”. (Sandra)

O lazer do casal se resume a ficar em casa e fazer um jantar ou passear nos feriados com a afilhada e a família. O lazer conjunto do casal nas duas famílias de origem praticamente não existe. O lazer dos pais de M. Filho e Sandra se reduz

aos festejos em datas comemorativas. O casal, Sandra e M. Filho, repete esse modelo. Sandra demonstra, simultaneamente, insatisfação e acomodação com relação a essa dimensão conjugal.

Relação com as famílias de origem

O contato de M. Filho com seu pai não é muito freqüente. Ainda assim, M. Filho se identifica muito com ele. Ambos mantêm uma certa distância um do outro e apresentam uma relação sem conflitos. Olinda, mãe de M. Filho, interfere mais diretamente na vida do filho e ele volta para a casa materna em momentos de crise no casamento. A fronteira entre os subsistemas materno-filial é difusa e a relação entre eles apresenta conflitos, projeções e questões mal concluídas.

Marcelo, pai de M. Filho, mantinha uma relação conflituosa com sua família de origem, cujo papel paterno era representado por seu irmão mais velho. Marcelo se submetia às ordens de seu irmão. *“Meu irmão me obrigava a fazer as coisas do jeito que ele queria...”* (fala de Marcelo, pai de M. Filho). Marcelo narra seu posicionamento frente ao irmão quando se separou de Olinda:

“Meu irmão não queria de jeito nenhum que eu me separasse. Pra eu me separar, tive que falar com ele que minha vida com ela (Olinda) é com ela, pronto, acabou... – Nós estamos nos separando e eu tô explicando o motivo pra vocês! (fala de Marcelo para seu irmão e sua cunhada) A gente não vivia bem, não tinha mais como viver juntos, que vai fazer? (...) Meu irmão foi muito... muito... difícil”. (Marcelo, pai de M. Filho)

Os pais de Olinda se separaram quando ela tinha 2 anos. Olinda viveu com sua mãe e manteve um bom relacionamento com ela. O contato com o pai foi bem reduzido e a relação parece ter questões mal resolvidas.

Sandra mantém, em relação a sua família de origem, uma fronteira nítida com tendência a um certo distanciamento. Seus pais não perguntam sobre sua vida ou sobre questões pessoais. Sandra identifica-se com Conceição, sua mãe, que também mantinha certa independência com relação à interferência da família de origem.

“Eu nunca vi minha mãe sair... ir lá na casa da minha avó, fazer qualquer tipo de reclamação. Sempre, tudo foi resolvido ali dentro de casa. Até vi momentos em que minha mãe precisou, mas ela nunca foi de fazer isso, nem meu pai... ele nunca foi na casa da irmã dele, pra... levar os problemas lá de casa...”

“(...) Posso chegar na casa dos meus pais rindo, posso chegar chorando... Meus pais nunca me perguntaram nada. Meu pai às vezes até fala: –Você está com uma carinha! Mas nunca perguntou: –O que é? Você e o M. Filho brigaram?” (Sandra).

Sandra mantém uma relação com sua família de origem sem conflitos aparentes e sem interferências, semelhante à relação de sua mãe com sua respectiva família de origem. A lealdade estabelecida nessas três gerações exemplifica a existência de expectativas compartilhadas nesse grupo em relação às quais todos os elementos adquirem um compromisso. Segundo Boszormeny-Nagy e Spark (1973), em cada sistema familiar existem leis com conteúdos específicos que dizem respeito às expectativas estruturadas na família ao longo de gerações. Essas expectativas influenciam nos padrões interacionais de cada elemento da família de acordo com os compromissos inconscientes de lealdade estabelecidos entre eles.

Lugar dos filhos na conjugalidade

Nas famílias de origem de M. Filho e de Sandra seus pais se casaram devido à gravidez. Em ambas as famílias, o filho está na base da constituição da conjugalidade. Sandra e M. Filho, embora não tenham se casado devido à gravidez, incluem uma afilhada de Sandra em seu convívio desde o início do casamento, repetindo simbolicamente os modelos parentais. Essa afilhada entra no lugar de filha do casal, tem uma aliança forte com Sandra, liberando M. Filho para o exercício de sua individualidade.

“O motivo do casamento foi a... a... gravidez da Olinda, né?”
(Marcelo, pai de M. Filho)

“Eles têm uma afilhada... a Nina. Onde eles estavam, estavam com aquela menina. M. Filho é louco com a menina, leva pra praia, passeia. A Nina fica fazendo companhia pra Sandra,

sabe? E nessa hora, muitas vezes o M. Filho sai. (...) Quando a gente ia pra praia, todos os meninos jovens saíam e a Nina só ficava com a Sandra. Então, a Sandra não podia sair. Eu falava: – Sandra, M. Filho vai sair e você vai ficar em casa? Não pode!” (Olinda, mãe de M. Filho)

“A gente tem uma afilhadinha... sabe... a Nina, desde que ela era pequenininha que a gente adotou ela... é como se fosse nossa filha... a gente ficou muito preocupado com ela por ela não ter pai. Ela me chama de paidrinho. Eu me apeguei demais a ela, tudo que a gente podia fazer, a gente fazia pra ela. (...) Todo final de semana a gente busca ela em casa na sexta e ela fica sexta, sábado e domingo com a gente... só volta no domingo dez horas da noite”. (M. Filho)

Embora M. Filho e Sandra tenham optado por adiar a vinda do primeiro filho, a presença constante da afilhada de Sandra na relação ocupa o lugar de filha do casal. Essa criança motiva Sandra a exercer cuidados maternos e possibilita à M. Filho o espaço para o exercício de sua liberdade. Esse exemplo caracteriza um processo de triangulação. Segundo Bowen (1978), quando o relacionamento entre duas pessoas torna-se instável, ele se expande para compor unidades com três indivíduos. O processo de triangulação ocorre quando o par apresenta um grau de ansiedade suficiente para tal. Um dos componentes do par original, sentindo desconforto, se move em direção a um terceiro importante. A inclusão do terceiro na relação deixa um dos componentes do par original do lado de fora da nova configuração.

Separação

A separação conjugal é um tema presente nas falas de todos os entrevistados e manifesta-se segundo diferentes concepções. Marcelo e M. Filho consideram que se uma relação não está dando certo, o casal deve se separar. Para M. Filho a separação de seus pais ocorreu por desentendimentos entre eles. Marcelo afirma que o motivo de sua separação de Olinda foi uma intriga familiar. Olinda gostaria de ter evitado a separação para evitar o sofrimento dos filhos. Para Olinda, sua separação deveu-se à traição do marido. Os discursos dos sujeitos evidenciam visões diferentes dos motivos de separação, além da presença de

distintos mecanismos para lidar com essa temática, como: omissões, distorções, mentiras, negação, entre outras.

“Numa separação de namoro, eu tive uma outra pessoa, voltei pra Olinda e me afastei dessa pessoa. Aí nós nos casamos e, com pouco tempo de casado, alguém... acredito que deve ser parente dela... tenho certeza... contou pra ela esse fato... mas como se eu tivesse vivendo naquele momento. Realmente, eu tive esse caso, mas foi quando a gente estava separado... Essa foi a versão da outra pessoa”. (Marcelo, pai de M. Filho)

“A minha primeira separação de Marcelo, sabe por que foi? Eu flagrei ele... Parece uma loucura o que eu vou falar, mas eu confirmei mais de vinte vezes que ele estava com essa pessoa”. “(...) Eu não queria ser uma pessoa separada”. (Olinda, mãe de M. Filho)

“Meus pais se separaram por causa das brigas né, coisa boba, eles discutiam por causa dos outros... Meu pai gostava de tomar uma cervejinha... minha mãe sempre brigou com ele porque ele chegava e ia pro botequim, tomar uma gelada... Não chegava bêbado, não, sabe... Mas minha mãe sempre brigava com ele. Então, eu acho que foi desgastando”. (M. Filho)

A trama relacional estabelecida entre os integrantes desse sistema familiar caracteriza um tipo de relação definida por Jackson (1970) como relação insatisfatória instável. Essa dinâmica caracteriza-se por uma não existência de acordos. Os períodos de estabilidade emocional entre os participantes do sistema são curtos e os de instabilidade são prolongados. As mulheres, nessas famílias, optaram pela manutenção de relações insatisfatórias por temerem a solidão, o sentimento de desamparo.

Sogra e nora, Olinda e Sandra, se reportam à dificuldade de separação por medo da solidão.

“(...) eu nunca gostaria de ficar sozinha. No princípio (no início da segunda separação) eu tive muito sofrimento até de ir no supermercado sozinha. Fazer as coisas sozinha me dava uma remoída... pesava muito”. (Olinda, mãe de M. Filho)

“Mas eu não tenho coragem de fazer isso (terminar o casamento) porque eu gosto dele (M. Filho) e porque eu tenho

medo de terminar com ele e não achar ninguém, nunca mais...”

“Pode ser até covardia da minha parte, mas solidão, pra mim... É um medo muito grande que eu tenho de ser sozinha”.
(Sandra)

O mito da traição

A traição surge como um padrão interacional repetido em três gerações. Os pais de Olinda se separaram motivados por uma traição. Marcelo traiu Olinda e M. Filho estabelece o mesmo padrão em sua relação com Sandra. Tal temática não é abordada abertamente por Marcelo e M. Filho.

“Meu pai, o negócio dele era a mesma coisa (do casamento de Olinda). Foi traição”. (fala de Olinda sobre seu pai)

“(...) o Marcelo, o negócio dele é adultério. Ele cometendo adultério ele fica satisfeito, aí fica bom. Pra mim que gosto dele... nunca vai ser bom”. (Olinda)

“Eu acho que tem traição aí no meio (da relação de M. Filho e Sandra) sabe? Até acredito que ele não tenha uma pessoa, mas... acho que se ele estiver num lugar... ele fica com uma pessoa. O Marcelo conseguia fazer isso porque ele trabalhava à noite. Então, dizem... que ele poderia ter saído para trabalhar, e na verdade ter ido para outro lugar... mas o M. Filho, não trabalha a noite... quer dizer, ele sai consciente de que ele está saindo pra outro lugar, pra alguma zoada, deve ser, né?” (fala de Olinda sobre M. Filho)

“(...) com um ano de relacionamento eu soube... por outras pessoas... que ele (M. Filho) me traiu... algumas vezes”.
(Sandra)

Essa sequência de traições vivida em três gerações caracteriza um padrão de interação afetiva estabelecido no sistema e de triangulações. As triangulações presentes nessas três gerações caracterizam um modelo interacional repetido que ocorre em resposta ao alto grau de ansiedade presente na dinâmica interna das relações diádicas (Bowen, 1978). Nesse sistema familiar ocorrem triangulações nas três gerações. O terceiro é representado pela amante, filho, ou a afilhada. A família é a primeira base de interação social para seus membros e, como tal,

influencia no modelo afetivo-relacional dominante das futuras gerações (Cerveny, 2000).

A repetição da história de traição em três gerações nos remete aos mitos. Eles representam crenças familiares. Olinda conta histórias de seu pai, comparando-as com sua própria história e com a vida de M. Filho.

“Eu (Sandra) e Olinda (sogra de Sandra) sempre conversamos muito. Ela sempre me contou muitas histórias do Marcelo. Ele traiu ela várias vezes e eu acho assim... o meu maior medo... é a traição”.

“Eu comparo muito ele (M. Filho) ao pai dele. Eu acho que... já passei por cima de algumas coisas que eu não concordava na minha vida pra continuar o casamento, mas a traição eu acho que pesa muito”. (Sandra)

Essa fala ilustra o sentido que essa família atribui à traição. O significado da traição nessa família possui um sentido reforçado pela história repetida na família de origem de M. Filho.

Comunicação e profecias auto-realizáveis

M. Filho reproduz o padrão familiar de desqualificação da comunicação. Marcelo, seu pai, negava as traições e desqualificava a comunicação quando Olinda buscava justificativas para os fatos. M. Filho também desqualifica a mãe, atenuando as falhas do pai. A desqualificação da comunicação frequentemente ocorre quando o receptor, por motivos variados, não tem interesse em estabelecer uma interação com o emissor da mensagem.

“Eu flagrei ele. (...) Mas, se ele conversar com qualquer pessoa ele fala que eu sou geniosa, sou muito ciumenta”.
(Olinda, mãe de M. filho)

“(...) Minha mãe, todo dia, dava uma marretada. Todo dia, implicava com meu pai... todo dia. O meu pai nem aí... o meu pai naquela cervejinha dele... não tava nem aí...” (M. Filho)

M. Filho reproduz o modelo paterno, desqualificando também as falas de sua esposa.

“(...) Eu comecei a ver ele desenhando no celular mensagem de coração, florzinha, ursinho, um dia eu peguei... Ele falou pra mim que era de um filho de um amigo dele que tava colecionando modelo de mensagem pra dar pras meninas...”

“(...)Um dia a gente tava discutindo, falando de uma coisa muito séria, vamos nos separar, não vamos... o que vale a pena, o que não vale... e, aí, ele mudou de assunto: – Vamos ali comprar um sanduíche! Ele não quer falar do assunto”.
(Sandra)

Esses exemplos ilustram a negação e a desqualificação da mensagem, mecanismos recorrentes na comunicação de Marcelo e de M. Filho. Esses mecanismos do processo de comunicação caracterizam padrões de interação multigeracional. A desqualificação da comunicação caracteriza-se quando o receptor aceita a interação com o emissor, mas tenta invalidar a mensagem, usando recursos como incoerência nas respostas, contradição, uso de frases incompletas, mudança brusca de assunto, evitação do contato visual, entre outros (Watzlawick, 1967).

Nesse sistema, além da negação e desqualificação da mensagem aparecerem como repetição de padrões, as profecias auto-realizáveis também se repetem intergeracionalmente. Estas se referem a pensamentos ou falas enunciados por membros da família que se concretizaram num determinado momento. A realização daquilo que foi anunciado previamente valida o pensamento inicial, caracterizando a construção mental como antecipadora da realidade. No material analisado, as profecias auto-realizáveis aparecem em duas gerações. A mãe de Olinda profetizava o futuro do casamento da filha, assim como Olinda anuncia as conseqüências do casamento de M. Filho com Sandra.

“Minha mãe falava isso pra mim: – Não vai casar com o Marcelo porque não vai dar certo! Eu não era pra ter casado com Marcelo. Enquanto a gente namorava... a gente tinha um grupo de amigos... aí um dia eu descobri que ele (Marcelo) estava namorando também a mulher do amigo dele. Sentiu?”

“(...) Minha mãe (avó de M. Filho) falou pra Sandra: – Você não pode reclamar nada do M. Filho, porque você tá sabendo

que o M. Filho é novo, ainda não tem emprego direito, ele não tem juízo não, heim Sandra? Você não pode reclamar nada!”
(Olinda, mãe de M. Filho)

“(...) Eu falo que ele (M Filho) é igual ao pai dele, entendeu?... E, aí, eu começo a ver a minha sogra falar: – Ih, M. Filho vai pelo mesmo caminho do pai”. (Sandra)

Algumas famílias apresentam determinados padrões interacionais repetitivos e mantêm uma dinâmica na qual pouco se discute ou se questiona esses padrões, com o intuito de não vitalizá-los. No entanto, esses padrões mantêm-se presentes em cada indivíduo. Muitas vezes, membros da família, motivados pelo medo da repetição, anunciam um determinado fato com o intuito de evitar sua recorrência. A preocupação com a repetição desses modelos pode levar, contudo, a um resultado oposto ao que se deseja: a concretização da profecia temida. (Watzlawick, 1967).

Influência geracional em três gerações

Procuramos verificar a percepção dos parceiros Sandra e M. Filho sobre seus modelos de relação parental e o que absorveram desses modelos. Verificamos também a percepção dos pais do novo casal sobre seus próprios modelos de relação conjugal e as possíveis influências na formação do laço conjugal no novo casal. M. Filho identifica comportamentos do pai que ele repete em sua relação conjugal, inclusive “os errados”, e também identifica outros modelos que não repetiu. Marcelo, pai de M. Filho, considera que sua relação influenciou o filho de forma negativa levando-o a não se deixar influenciar por Sandra. Olinda, mãe de M. Filho, considera que a sua separação conjugal pode levar M. Filho a considerar tal alternativa com mais facilidade.

“Eu acredito que minha relação com Olinda influenciou muito negativamente na... vida deles... M. Filho, vamos supor... ele não se deixa manipular, ser manipulado por ela (Sandra), entendeu? Ele quer dar a última palavra, se ela fala que não, ele fala que sim, vai e faz, pronto e acabou.”

“Também, ele (M. Filho) não tem um diálogo com ela (Sandra). Se ela fala: – Vamos pra fazenda? Ele responde: Vamos, ou não vamos, e pronto”. (Marcelo, pai de M. Filho)

“Eu acho que minha vida com Marcelo influencia e muito a deles (M. Filho e Sandra). Eu acho que pro M. Filho é muito mais fácil uma separação. Ele já falou pra mim que é muito melhor se separar do que viver brigando. Então, para ele tomar essa posição na vida... vai ser fácil”. (Olinda, mãe de M. Filho)

“Ah, acho que o fato da minha mãe tomar conta do dinheiro do meu pai... eu vejo no meu casamento o mesmo, que a Sandra fica com o meu dinheiro”.

“Até nas coisas que você vê que são erradas né? Meu pai ia pro bar tomar uma cervejinha... toda hora... E eu, se me der vontade de tomar uma cervejinha, sabe... ah... eu tenho que sair”.

“(...) meu pai tinha mania de beliscar a bunda da minha mãe, onde fosse... minha mãe abaixava, ele beliscava a bunda dela... Eu comecei não a beliscar sabe... mas tipo assim... Ela (Sandra) tava no elevador, na minha frente... eu passava a mão na bunda dela.... Aí ela cortou isso... e eu.... passou...”

“Eu vejo que tem certas coisas que ele (Marcelo, seu pai) fez que eu não faria. Meu pai não conversava com a minha mãe. Eu.... já vejo isso e converso tudo que eu tenho para conversar”. (M. Filho)

M. Filho absorve e reproduz padrões interacionais na conjugalidade. Alguns deles não são aceitos por Sandra e, então, sofrem modificações ou são eliminados. Outros padrões são reproduzidos em sua conjugalidade de forma bem semelhante ao modelo de seus pais. Outros, embora seus pais se esforçassem para não transmitir, foram absorvidos e revividos na terceira geração (M. Filho e Sandra).

O sujeito já possui um lugar a ser ocupado antes mesmo de seu nascimento, lugar marcado pelas fantasias e expectativas dos pais. Assim, os indivíduos saem das famílias de origem e estabelecem suas próprias relações, designados a desempenhar papéis e personagens transmitidos pelos predecessores, com os quais existem questões familiares não resolvidas (Bowen, 1978). Na conjugalidade, tal processo evidencia-se.

Marcelo, pai de M. Filho, manteve uma relação muito difícil com seu irmão mais velho (que ocupou para ele o lugar paterno). A atitude autoritária de seu irmão o obrigava a fazer o que ele queria. *“Meu irmão não queria de jeito nenhum que eu me separasse...”* Em seu casamento, Marcelo ocupou uma posição semelhante a que ele ocupava na relação com seu irmão. Segundo

Marcelo, ele se deixou dominar tanto por Olinda quanto por seu irmão. Marcelo se refere ao casamento de forma contraditória: *“Eu não queria me separar, não queria mesmo”*. *“Isso (o casamento) para mim foi uma prisão”*.

Olinda, mãe de M. Filho, sempre viveu com sua mãe e identificava-se com ela. Manteve pouco contato com seu pai que era separado de sua mãe. Os pais de Olinda mantiveram-se casados aproximadamente por 8 anos, quando seu pai saiu de casa com uma amante. A partir dessa ocasião, seus pais se separaram fisicamente e mantiveram-se casados oficialmente. Olinda vivenciou em seu casamento algo semelhante ao que sua mãe vivenciou com seu pai. Olinda repete sua história familiar. Ela escolhe um parceiro ausente, distante e infiel. Ela e Marcelo se casaram e se separaram, oficialmente, duas vezes.

“Nos casamos em 82, em 84 nos separamos, em 92 nos casamos de novo. Faz seis anos que estamos separados... mas nós somos casados, entendeu?” (fala de Marcelo)

Na primeira separação, Olinda relata que teve que retirar o sobrenome dele (do marido) de sua identidade: *“Isso me magoou muito... muito”*. Após 8 meses ocorridos da primeira separação oficial, eles reataram o laço conjugal embora se mantivessem separados oficialmente. Após 4 ou 5 anos desse segundo retorno, eles resolveram recasar-se oficialmente. Essa segunda união durou quatorze anos. Há seis anos, no entanto, eles se separaram novamente, embora oficialmente, permanecem casados.

Para Olinda, a história de separação de seus pais foi muito difícil: *“Eu não achava bom meu pai ter se separado de minha mãe”*. Não querendo repetir o modelo de separação da família de origem, Olinda insiste na continuidade de seu casamento, embora reproduza o modelo precedente.

“Sabe aquilo que você não quer pro filho? Aquilo que você não foi feliz... não foi bom... Você não quer passar pro seu filho! Eu acho que era um dos motivos que fez eu tolerar muito meu casamento, acho que foi essa função”.

“Meu casamento acabou por que ele foi embora e não me deu satisfação até hoje... e não vai dar né? Então acabou...”
(Olinda, mãe de M. Filho)

Olinda apresenta um conflito de lealdade para com sua mãe, considerando que deve ser uma “*grande mulher, lutadora*”, enfrentando todas as dificuldades, até mesmo uma separação, se necessário. Por um lado, não quer transmitir a idéia de que o casamento pode se dissolver facilmente. Por outro, também não quer passar a idéia de que a traição é permitida.

“Separação não é uma coisa fácil, eu tenho medo que os meninos entendam que separar é uma coisa fácil, que traição pode. Eles vão entender que traição pode. Mas não pode. Não pode”. (Olinda, mãe de M. Filho)

Nem todos os elementos do grupo atendem à demanda de obrigações do sistema, ou a atendem de forma parcial. Cada nova relação que nasce na família suscita a necessidade de formar novos compromissos de lealdade, buscando um equilíbrio entre as antigas expectativas, ainda em vigor, e as novas, decorrentes da nova relação (Boszormeny-Nagy e Spark, 1973).

Olinda, mãe de M. Filho, denuncia um padrão repetido em duas gerações com tendência a reaparecer na terceira geração, caso não ocorra um “*impedimento*” interferindo nessa seqüência.

“O M. Filho tem hora que ele sai e chega cinco horas da manhã, chega três horas da manhã. Isso tá... tá é me preocupando, que eu acho que tá ficando a desejar... eu acho que tá chegando lá no papai, sabe? Quer dizer, a história se repetiu comigo... e parece que a história está se repetindo com o M. Filho, se... se não houver um... um impedimento. Isso tá me preocupando e me entristece de verdade. Tô achando, tô achando mesmo que isso tá acontecendo.” (Olinda, mãe de M. Filho)

Olinda teme que a história de traição e abandono vivida em duas gerações seja reproduzida na terceira geração. Em seu discurso, Olinda demonstra a necessidade de uma intervenção que impeça a seqüência repetitiva dos fatos. Há situações em que a transmissão ocorre sem possibilidade de transformação pelos herdeiros. Esse tipo de transmissão caracteriza-se por conteúdos não elaborados, acontecimentos que não puderam ser falados ou discutidos, ou que não foram

aceitos. Benghozi (2000) afirma que, nesses casos, o material é transmitido em seu estado bruto e a transmissão é definida como transgeracional.

Sandra apresenta uma percepção clara sobre padrões herdados de sua família de origem. Preocupação e cuidado excessivo com o marido, assim como restrições na vivência da conjugalidade, foram algumas heranças maternas. Sandra considera o comportamento de M. Filho semelhante ao de Marcelo, seu pai. Os pais de Sandra, contudo, discordam sobre a influência de seu modelo conjugal na vida da filha.

“Ah, acho que não teve influência nossa, não. Sabe por que? Eles se casaram porque quiseram, diferente de nós. Quando nós casamos, a Conceição estava esperando (grávida), né?... Eles não. Quando eu casei, foi tempestuoso... Eles não”.
(Afonso, pai de Sandra)

“Sandra leva o casamento mais a sério... Isso a Sandra tem muito da gente lá em casa. A Sandra já casou com a idéia de que não se separa fácil, eu acho isso”. (Conceição, mãe de Sandra)

“Esse lado de cuidar do marido, eu acho que eu peguei isso muito da minha mãe. Até o próprio fato de nunca ter visto meu pai jogando futebol, meu pai num bar, meu pai até de madrugada na rua... Eu trouxe isso de modelo pra mim, eu acho que eu gostaria que meu casamento fosse assim”.

“A própria relação do casal não ter... vida própria né? O casal não ter essa separação, fazer uma coisa sozinho (o casal). Acho que isso eu peguei deles”. (Sandra)

Afonso ocupou o lugar de seu pai, junto a sua mãe. Em determinada ocasião, Afonso defendeu sua mãe das agressões de seu pai, brigando fisicamente com o genitor. Afonso disputou e conquistou o lugar de seu pai em casa: *“– Já tem homem nessa casa!”* (fala do pai de Afonso, referindo-se ao filho). Pai e filho se agrediram fisicamente. Seu pai *“(...) falou que ia embora e foi mesmo. Sumiu com a amante”* (fala de Afonso). Afonso manteve uma relação de dever de lealdade com sua mãe a ponto de se casar para cumprir um mandato materno. *“Minha mãe falou: – Afonso, você vai ficar pra semente?”* Afonso compreendeu: *“Ôpa, minha mãe tá me acordando, eu tenho que tomar uma iniciativa na vida. Aí, me casei.”* Conceição, esposa de Afonso, vem a ocupar o lugar deixado por sua mãe.

“(...) Minha mãe falou, um dia: meu peito tá secando (a mãe amamentava a irmã e a família tinha poucos recursos financeiros). Eu tinha 11 pra 12 anos... e com aquela idade eu não sabia direito o que fazer. Ajudava a minha mãe... trocava milho em fubá... pescava.... arrumava uns trocados... assim fui rolando... até... hoje”.

“Quando ela (Conceição) fala comigo que quer comer uma melancia, trago logo uma de 12 quilos para ela e ponho lá... A minha felicidade é ver o seu prazer”.

“Conceição, pra mim, é uma segunda mãe. Sentimentalmente, as duas são iguais...” (Afonso)

As histórias das famílias de origem de Afonso e Conceição e de Marcelo e Olinda ilustram como as relações precedentes podem influenciar o presente de um casal. Segundo Framo (1970), o sistema familiar constitui-se de forças transgeracionais veladas que exercem influência nas novas relações conjugais. Em trabalho mais recente (2002), o autor afirma que as dificuldades vividas em um casamento podem ser consideradas formas encontradas pelo casal para elaborar, modificar ou defender-se de antigos e conflituosos paradigmas relacionais ligados à família de origem. Na escolha dos parceiros, sobretudo, os sujeitos tentam encontrar soluções interpessoais para conflitos intrapsíquicos.